

Ainda o Dicionário Bibliográfico

por eng. J. SILVA CARVALHO

AO trazer a estas colunas a ideia dumas singelas listas bibliográficas, a inserir periodicamente na nossa imprensa regional, estava bem longe de supor que essa mesma ideia haveria de colocar em primeiro plano a hipótese da edição duma autêntica bibliografia do Algarve, baseada no trabalho de muitos anos do escritor Mário Lyster Franco.

Um artigo publicado no «Correio do Sul» dá-nos a certeza de que a obra se encontra concluída ou quase concluída; portanto pronta ou quase pronta a entrar na tipografia, para passar a fazer parte do património da cultura algarvia.

CARNE

No mês de Junho o peso limpo de carne obtida para o consumo do Algarve atingiu 111.618 quilos. Como de costume foi a nossa Província a maior consumidora de carne de caprino.

FOI ABSOLVIDO O «JORNAL DE SINTRA»

ALGUMAS críticas feitas pelo nosso prezado colega «Jornal de Sintra» à qualidade do leite fornecido pela U. C. A. L., levaram este organismo a processar a folha sintrense por injúrias e difamação, acusação da qual foram absolvidos, no tribunal de Sintra, o director do jornal, nosso velho amigo António Medina Júnior, e o seu colaborador sr. José Alfredo da Costa Azevedo.

Felicitemos o combativo Medina Júnior pela justiça que ambos os tribunais lhe fizeram e que não nos surpreendeu porque conhecemos o seu carácter e a sua lealdade e também a sua firmeza.

Há muitas pessoas e entidades que se esquecem com frequência da missão salubre da imprensa, à qual cabe — se quer desempenhar-se bem da sua função — criticar, apontar erros, corrigir anomalias, denunciar irregularidades e, conjuntamente, exaltar e estimular aquilo que o mereça, tendo como finalidade, quando critica ou quando aplaude, servir o interesse público.

Há muitas pessoas e entidades que se esquecem que o interesse público exige que se digam verdades e às vezes com certa aspereza e daí — habituados a uma tolerância mole — o recorrerem para os tribunais, onde os magistrados, felizmente, lhes fazem ver a sem razão das suas queixas.

E' que o interesse e a salubridade públicas não podem deixar de ser defendidos!

SABE ALIMENTAR-SE?



Um caso de gula numa senhora tão nova, parece mal!

que tal prato é mais para pobres do que para ricos, desdenham do refrescante e saboroso gaspacho. Pois oiçam o que dele diz o médico espanhol e talvez a opinião de um cientista lhes modifique o parecer desdenhoso acerca de um tão salutar alimento.

93 OCT. 1958

TURISMO NO ALGARVE

Parques de Campismo

VI

Em que se profetiza, ousadamente, o progresso de Tavira e em que se indica o lugar onde é bom viver!

por JOÃO TRIGUEIROS

TAVIRA, centro de turismo. Esta asserção despertará sorrisos de ironia ou de incredulidade? Teremos de suportar a contradição de qualquer conspícuo sr. Céptico?

Fantasia! Exclamará. Vejamos, sr. Céptico. Já reparou nas condições de Tavira para se transformar em cidade-centro de turismo? As terras, como os indivíduos, precisam de ter um futuro. Desconfio que Tavira anseie por um futuro melhor; preocupada porque lhe tiram os milicianos; preocupada porque lhe não devolvem o regimento...

Conclui na 6.ª página



Estendidos junto das suas tendas os campistas gozam a tranquilidade e os prazeres da natureza

MAIS PRÉMIOS para o passatempo Acerte, se é capaz!

CONTINUAM a chegar-nos prémios para o concurso-passatempo Acerte, se é capaz!

Assim, temos hoje a registar mais as seguintes ofertas de Vila Real de Santo António:

Conceição & Conceição, Lda., sapataria e chapelaria, 20% de desconto, durante quatro semanas, na compra de uns sapatos.

D. Catarina Vaz Pires, depositária na referida vila da Adega Cooperativa de Lagoa, duas garrafas do magnífico vinho dessa Adega.

Café Império, uma garrafa de aguardente de medronho, velhíssima, da marca Sanchez.

Conclui na 6.ª página

A VIZINHANÇA COM A ESPANHA IMPÕE A VALORIZAÇÃO da Feira da Praia, que está a decorrer

COMEÇOU hoje e prossegue amanhã e depois, em Vila Real de Santo António, a tradicional Feira da Praia, de grande fama não só no Sotavento algarvio e Baixo Alentejo, como em toda a vizinhança Andaluza, de onde, de ano para ano, em número cada vez mais crescente, afluem os visitantes — uns atraídos pelas distrações e divertimentos que as feiras proporcionam, outros porque, numa fuga de ambiente, vêm procurar o aspecto típico que elas consubstanciam, mas todos, com a sua presença e as despesas a que são forçados, contribuindo para o desenvolvimento das transacções dos feirantes e do comércio local.

Não está demais focar-se o benefício económico que esta feira pode representar para a Vila Pombalina, sobretudo se com larga visão as autoridades responsáveis quiserem acarinhá-la e desenvolvê-la ao ponto de a tornar numa verdadeira fonte de riqueza para o seu comércio, que tão carecido está de incentivos e de uma melhoria de situação.

Na verdade, a Feira da Praia tem condições propícias e excepcionais para se desenvolver, pois, paralelamente ao movimento regional e local — que já é grande — reúne possibilidades especiais — dada a sua realização em frente da rica província andaluza — para se transformar numa feira de enorme reputação, atraindo ainda maior número de visitantes.

Continua na 2.ª página

Um serviço de ambulâncias que melhorará as comunicações postais no Algarve e com o resto do País

DESDE sempre têm sido deficientes os serviços postais na nossa Província, especialmente as ligações de e com o Norte do País. O facto deve-se a serem também más as comunicações ferroviárias.

Com o sentido de remediar tais deficiências e evitar que uma carta de Lagos a Faro leve muito mais horas que uma carta de Lisboa a Nova Iorque, o chefe das ambulâncias postais e nosso comprouvenciano, sr. Cardoso de Oliveira, perfeito conhecedor do meio, pois também exerceu em Faro o cargo de chefe dos serviços dos C. T. T., propôs ao sr. correio-mor a criação de uma rede de ambulâncias no Algarve, proposta que, como não podia deixar de ser, mereceu a concordância do sr. eng. Couto dos Santos.

Para realizar o respectivo estudo, esteve há dias no Algarve aquele nosso comprouvenciano, o qual está a redigir o respectivo relatório para o apresentar ao sr. correio-mor. A traços largos podemos dar um ligeiro esboço do que se pretende fazer, de modo a que o Algarve

Conclui na 3.ª página

O PARQUE DA CIDADE E AS OBRAS INTERNAS DO PORTO DE PORTIMÃO

(III)

por JOAQUIM ANTÓNIO NUNES

AS cidades populosas não podem ter somente clareiras com canteiros relvados, algumas flores e bancos a que chamamos jardins públicos. Precisam, é certo, de os ter bem cuidados, zelosamente tratados e floridos, porque eles constituem uma espécie de pulmões através dos quais os habitantes respiram ar mais puro, principalmente as crianças, e reflectem ao mesmo tempo o gosto camarário pelos logradouros dos municípios. Os parques arborizados têm mais qualquer coisa de útil: as belas sombras que fazem a delícia de quem as aproveita e constituem fontes de saúde e ainda contribuem para regular os regimes pluviais e suavizar os climas. Portimão não tem um parque que sirva de refúgio à população na época canicular e deve possuí-lo quanto antes, com diversões infantis e outros atractivos.



O assoreamento da muralha de Portimão é flagrantemente visível na baixa-mar

Visado pela delegação de Censura

Conclui na 4.ª página

Uma carta do sr. Adelino Vieira Neves e os comentários que a mesma nos sugere

DO sr. Adelino Vieira Neves, proprietário da tipografia Transtana e redactor do periódico «Ribamar», de Algés, recebemos uma carta que constitui resposta ao artigo por nós publicado acerca do tal grémio da Imprensa Regional, sequência da Associação da Imprensa Regional e mais aproximadamente do almejado sindicato da mesma Imprensa cuja obtenção o sr. Vieira Neves não conseguiu. Devemos acrescentar que publicamos a carta, resumindo as linhas finais, que consideramos injuriosas e como tal merecedoras de serem apreciadas noutros domínios que não estes. Isto promete, embora o sr. Vieira Neves se pretenda descartar no final da sua missiva dizendo «que por meu lado está a contenda sem sequência, porque não posso desbaratar inutilmente o tempo, porque mal me chega para tratar dos negócios da minha tipografia e do jornal «Ribamar».

Eis a carta, com os desacertos

Conclui na 4.ª página

MONOGRAFIA DO ALGARVE

LEMOS no nosso prezado colega «Voz do Sul», que dois algarvios, o pintor Samora Barros e o nosso estimado amigo Julião Quintinha, velho e prestigioso jornalista e escritor, estão a estudar o plano de uma monografia do Algarve.

A notícia enche-nos de regozijo. Ambos têm recursos mais que suficientes para levar a cabo um trabalho de tal envergadura e que tão indispensável é. O que desejamos, tal como o colega silvense, é que não desanimem na prestante iniciativa.

Conclui na 3.ª página

A saúde é a maior riqueza

Óculos impróprios e olhos tortos

O uso de óculos impróprios traz sempre consequências prejudiciais. Uma das mais frequentes é a tendência dos olhos a tornarem-se vesgos. Com o tempo, a pessoa fica com os olhos tortos, ou estrábicos, e cada vez mais se enfraquece a visão do olho defeituoso.

Não use óculos de outra pessoa ou que não tenham sido receitados por oculista.

Conclui na 3.ª página



por CASIMIRO DE BRITO

Parques infantis

Um leitor assíduo destas imagens toca-nos no assunto, o que agradecemos bastante. Aliás, já tínhamos pensado escrever duas palavras sobre a organização a que chamam «a cresce», as quais não perdem agora a oportunidade.

Chocou-me uma imagem dessa «cresce», um dia em que reparei na maneira como as crianças ali passavam o seu tempo: alguns garotos oficialmente sujeitos, nos seus bibes iguais, entretêm-se a brincar com o que o árido campo de recreio lhes permite: um ou outro paizinho, a terra solta e mais nada... E' certo que são pobres, que não pagam nada por ali estar, mas isso não é justificação para o abandono a que estão sujeitas aquelas crianças. E' certo ainda que estão ali precisamente para que não fiquem abandonadas pelas ruas enquanto as mães, mulheres a dias ou operárias de fábricas, ganham a vida — mas o abandono continua, desta vez regulamentado.

Se se criou a «cresce» (não me atrevo a chamar áquilo um «parque infantil») há que dar-lhe condições que permitam às crianças uma satisfação no viver, que lhes arranquem aquele ar triste que ainda é cedo para carregarem — a vida é longa, têm tempo de sofrer! E é fácil, e não muito expensivo, dar condições a esse lugar teóricamente maravilhoso: dar às crianças o que elas precisam, coisas banais, crianças — um baloiço, três ou quatro canteiros floridos (dêem uma flor a cada criança e aí terão o mais belo dos símbolos de pureza — e expressão dessa criança!), tantas outras coisas que há por esse país fora, nos autênticos parques infantis.

De modo que ali a situação resolve-se facilmente, se houver um pouco de boa vontade — é uma organização com possibilidades naturais (um excelente terreno à volta do edifício) razoáveis para se dotar de divertimentos para a infância, neste caso especial, a infância pobre da cidade...

Mas, ao mesmo tempo, e como frisa esse nosso leitor, há que pensar a sério na possibilidade de dotar a cidade de outro parque infantil, desta vez público, aonde todas as crianças possam encontrar um pouco da alegria que nem sempre encontram em casa, devido à solidão que nelas se vai enraizando. Há que socializar a criança, mas de modo inteligente. Os parques infantis são uma solução: aproximando as crianças umas das outras, afastam-nas da rua, do movimento de carros e ruídos não propícios à sua natureza simples.

Creemos que a Alameda é o lugar ideal para a «construção» do futuro parque infantil de Faro, à volta do «ring» de patinagem, por exemplo. Há que pensar na criança de modo a que possam e saibam continuar-nos, mas em beleza e em descontração.

POLIDENT para a higiene da sua dentadura



BLANDY BROTHERS & C.ª LPA LISBOA

Feira da Praia

Conclusão da 1.ª página que lhe poderão dar, por vários dias, o seu largo contributo de riqueza e colorido. Para tanto será necessário que a editidade Vila-Realense resolva estimular a valorização da sua feira em moldes modernos — e neste particular há tantos exemplos onde poderá inspirar-se! — dando-lhe uma maior projecção e fazendo dela a indispensável propaganda junto dos nossos vizinhos espanhóis, que, com facilidades de fronteira idênticas às das festas das Angústias — certamente acorrerão a Vila Real de Santo António em número muitíssimo elevado. Eis aqui um empreendimento a encarar interessadamente no futuro, porquanto são bem evidentes as vantagens e benefícios que do mesmo podem advir, com largos reflexos na nossa economia.

Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia Carmo, rua São João de Brito, telefone 31.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Contra-almirante Sousa Uva

Foi promovido ao posto de contra-almirante o nosso estimado com-provinciano sr. comodoro Joaquim de Sousa Uva, que tem desempenhado missões de grande responsabilidade não só no País como no estrangeiro. Felicitamo-lo pela distinção.

Partidas e Chegadas

Esteve em Vila Real de Santo António, por uns dias, o sr. Germano José de Salles, nosso assinante em Lisboa.

Foi transferido da comarca de Faro para a de Leiria, tendo já seguido para esta cidade, com sua esposa, o nosso assinante sr. José António dos Reis Palma, chefe da 1.ª secção do 1.º Juízo do Tribunal Judicial.

Vimos em Vila Real de Santo António o sr. dr. Humberto Sérgio de Brito Avó, nosso assinante em Lisboa.

Foi a Lisboa, acompanhar sua filha Maria de Fátima, o nosso assinante sr. João de Almeida Cavaco.

Depois de ter passado o Verão na sua propriedade na Fuseta, regressou a Faro, com sua família, o nosso assinante sr. José Francisco Lã.

Está a passar uma temporada em Lisboa, na companhia de sua esposa, o nosso amigo sr. José Alves Mestre.

Esteve uns dias em Lisboa, tendo já regressado ao Porto, com sua esposa, o nosso assinante sr. António de Sousa Pires, assistente técnico dos motores «Mercedes-Benz» representados em Portugal pela firma nossa anunciante C. Santos, Lda., de Lisboa.

Seguiram para Matosinhos os nossos assinantes srs. Dionísio Martins Estêvão e José Borges Salas.

Depois de ter passado a época balnear na praia de Armação de Pera, regressou com sua família a Tavira, onde fixou residência, o nosso assinante sr. José Simão da Silva.

Encontra-se em Vila Real de Santo António, com sua esposa, o sr. Teófilo Rita Nêné, nosso assinante na capital.

Tivemos o prazer de cumprimentar em Vila Real de Santo António o nosso amigo sr. Amaral Leitão, gerente de Ch. Lorilleux, de Lisboa.

Esteve uns dias em Vila Real de Santo António o nosso assinante em Faro, sr. Bernardino Custódio Martins.

Após ter passado o Verão em casa de seu cunhado sr. Joaquim José Xavier de Sousa, em Vila Real de Santo António, regressou a Lisboa, com seus filhos, meninos José Emídio, Maria Fernanda e Luís Filipe, a sr.ª D. Alice da Costa Godinho Fernandes, esposa do nosso assinante sr. José Gonzalez Fernandes.

Regressou de França, com sua esposa, o nosso redactor Manuel Francisco da Conceição.

Casamentos

No domingo, realizou-se em Lisboa, na residência dos pais do noivo, o casamento, por procuração, da sr.ª D. Maria da Encarnação Matos, filha do nosso assinante sr. João Matos e da sr.ª D. Maria de Jesus Matos, de Vila Real de Santo António, com o sr. Vitor Manuel da Conceição de Borja Pereira, empregado nos escritórios da Companhia de Diamantes de Angola, residente no Dundo, filho do sr. Fernando Conceição Pereira, 1.º sargento do Exército, e da sr.ª D. Engrácia de Borja Pereira. Apadrinharam o acto, por parte da noiva, sua irmã sr.ª D. Rosa Matos Machado e esposo sr. César Sacramento Machado, e por parte do noivo, sua irmã sr.ª D. Odete de Borja Pereira Dias e esposo sr. José Ferreira Dias. A noiva, que fica vivendo entretanto com seus sogros, seguirá brevemente para o Dundo.

Realizou-se no Mosteiro dos Jerónimos, a cerimónia do casamento da sr.ª D. Maria Odete Matos Lima Salgado, filha do sr. Manuel Miguel Salgado e da sr.ª D. Elísa Guerreiro Matos Lima, com o sr. Leopoldo Torres Santos, filho do sr. tenente Manuel Joaquim dos Santos, nosso com-provinciano, e da sr.ª D. Maria da Glória Torres Santos, professora do ensino primário. Foram padrinhos, por parte da noiva, seus tios sr.ª D. Cecília da Ascensão Carrilho Lima e esposo sr. Manuel Guerreiro Matos Lima, proprietários, e por parte do noivo, seus pais. Os noivos seguiram em viagem de núpcias para o Norte do País. Aos novos casais deseja o Jornal do Algarve muitas felicidades.

Doentes

Recolheu à clinica cirúrgica do Hospital de Santa Maria, em Lisboa, o nosso com-provinciano e assinante sr. Ricardo Lino Correia, gerente da filial de Espinho do Banco Nacional Ultramarino.

Encontra-se doente o nosso assinante sr. comandante Carlos Pacheco Pinto, capitão do porto de Olhão.

Também tem passado incomodado de saúde o nosso assinante sr. Lourenço Baptista Lopes de Mendonça, presidente da Câmara Municipal de Olhão.

ECONOMIA

Pesca do atum no Algarve

Creemos que não há memória de uma pesca de atum tão escassa das armações da nossa costa como a registada este ano e que se resumiu, nas quatro armações da costa de Tavira, aos seguintes quantitativos: armação da Abóbora: 591 cabeças, 439.770\$50; Livramento, 762 cabeças, 484.148\$; Medo das Cascas, 868 tunídeos e 82.464 diversos, 835.153\$70 e Barril, 646 cabeças e 14.864 diversos, 687.192\$.

Apreciando esta triste situação o nosso prezado colega «Povo Algarvio», diz:

Este ano, segundo nos informam, algumas das empresas de pesca do atum sofreram prejuízos consideráveis que já atingem para cima de um milhão de contos.

A economia do Algarve, e sobretudo a da nossa região, ressentem-se profundamente com o que se está passando e é bom que o nosso Governo, por intermédio dos seus técnicos competentes, estude o problema e procure dar-lhe o seu melhor amparo para evitar que sossobre uma das nossas melhores actividades regionais.

O problema não pode nem deve ser descuidado pelo muito que ele representa para a economia do Algarve.

A pesca de atum em Barbate

Na temporada que findou, as armações da zona de Barbate capturaram mais de 25.000 atuns de direito e revés, com um peso aproximado de 2.000 ton.

As fábricas do Consórcio Nacional Almadrabo continuam em laboração devido à grande abundância de melva.

Também a frota costeira de Barbate fez boas capturas durante o mês de Agosto mas por falta de gelo para a exportação do peixe em fresco, este desceu bastante de preço. Boa parte das capturas, em especial biqueirões e carapaus, foram destinadas para guano.

Naquele porto foi inaugurada uma nova fábrica de conservas que dará preferência à manipulação de filetes de cavala.

Conservas de peixe

Em Maio a produção continental de conservas de peixe em molhos foi a seguinte: sardinha, 2.120 ton.; anchovas, 245 ton.; similares da sardinha, 138 ton.; atum, 420 ton. e outras espécies, 61 ton.; conservadas pelo sal — similares da sardinha, 176 ton. e outras espécies, 124 ton.

Cabo Verde produziu no primeiro trimestre 412 ton. de conservas de peixe e 6.596 ton. de peixe seco. A exportação, em Julho, foi de 5.909 ton., no valor de 87.477 contos, cabendo à sardinha em azeite 3.360 ton. e 49.058 contos e similares da sardinha em azeite ou molhos 664 ton., no montante de 13.167 contos.

Despedida

José António dos Reis Palma e sua esposa, Maria Ilda Melo da Palma, na impossibilidade de se despedirem de todas as pessoas amigas, fazem-no por este meio, oferecendo os seus préstimos em Leiria.



PARA O VOSSO CASAMENTO

PREPARE A Fotografia Arnaldo

Especializada em Reportagem

A única que se desloca a vossa casa, e a qualquer localidade, com transporte próprio, e a mais moderna APARELHAGEM ELECTRONICA EXPOSIÇÃO PERMANENTE Rua Filipe Alistão, 5 em FARO - Telef. 881

RADIOLAR (TUDO PARA O LAR)

Este modelar estabelecimento, além dos baixos preços por que vende todos os seus artigos, como todos podem constatar visitando-o, mesmo a título de curiosidade, OFERECE aos seus estimados clientes:

Na Secção de Rádio e Televisão

A possibilidade de obterem completamente grátis um televisor PHILIPS. Para isso a todos os compradores será dada uma senha-brinde numerada que os habilita àquele maravilhoso prémio.

Na Secção de Fazendas, Calçado, Chapéus, etc. (excepto mercearias)

Todos os clientes ficam habilitados a possuírem um receptor para bateria, também completamente de graça, nas mesmas condições dos televisores.

Não espere. Faça já as suas compras na Casa RADIOLAR em Castro Marim e para o Natal poderá ter em sua casa um televisor ou um rádio receptor, completamente de graça.

Eis a grande oportunidade oferecida pela RADIOLAR de Francisco Teófilo S. Lopes CASTRO MARIM

LOTAS do ALGARVE

Vila Real de Santo António

de 2 a 8 de Outubro

Table with columns for TRAIINEIRAS and various fish types like Refrega, Leste, Flor do Sul, etc., with corresponding prices.

Olhão

de 2 a 8 de Outubro

Table with columns for TRAIINEIRAS and various fish types like Tozé, Amazona, Re-stauração, etc., with corresponding prices.

Armação de Pera

de 2 a 8 de Outubro

Table with columns for TRAIINEIRAS and various fish types like Farilhão, Alvarito, Maria Benedito, etc., with corresponding prices.

Albufeira

de 2 a 8 de Outubro

Table with columns for TRAIINEIRAS and various fish types like Farilhão, Alvarito, Maria Benedito, etc., with corresponding prices.

Portimão

de 2 a 8 de Outubro

Table with columns for TRAIINEIRAS and various fish types like Farilhão, Alvarito, Maria Benedito, etc., with corresponding prices.

Lagos

de 2 a 8 de Outubro

Table with columns for TRAIINEIRAS and various fish types like Costa d'Oiro, N.ª Sr.ª da Graça, Brisamar, etc., with corresponding prices.

Imposto de sisa

Eis quanto os concelhos algarvios pagaram o ano passado do imposto de sisa: Faro, 934.546\$; Tavira, 448.540\$; Portimão, 409.648\$; Silves, 407.931\$; Loulé, 402.464\$; Vila Real de Santo António, 386.131\$; Olhão, 327.772\$; Lagos, 290.025\$; Lagos, 228.110\$; Albufeira, 147.857\$; Monchique, 126.476\$; Vila do Bispo, 97.053\$; Alportel, 87.123\$; Aljezur, 83.792\$; Castro Marim, 67.749\$ e Alcoutim, 61.341\$.

Os C. T. T. no Algarve

Foi colocada, a título transitório, no lugar de telefonista do quadro de reserva, na rede telefónica de Faro, a sr.ª D. Laurinda Henriqueta Dias Sequeira.

Foram criados postos de correio em Charrua (Silves); Estorninhos e Faz Fato (Tavira) e Perna Seca (Silves).

Foi transferida, a seu pedido, da C T F de Mação para a de Olhão, a sr.ª D. Edeme de Jesus Lança, telefonista de reserva.

Foi nomeada, a título transitório, para o lugar de telefonista do quadro de reserva e colocada em Faro, a sr.ª D. Maria Clara Vieira.

Postal de Lisboa

por M. J. S. BARROS E SILVA

INCONSCIÊNCIA?

Não foi sem um suspiro de alívio que se soube ter sido preso o autor do crime da rua de S. José que, como é já do domínio público, conseguiu durante cerca de quinze dias iludir a Polícia, até ser finalmente descoberto.

A parte a monstruosidade da premeditação e do crime, tendo em vista tratar-se de um indivíduo de 18 anos sem cadastro, chocou-nos profundamente a inconsciência ou demência de que o criminoso deu provas, tanto nos interrogatórios a que foi submetido como na própria reconstrução, a ponto de, a certa altura, ter perguntado aos inquiridores se ainda lhe queriam mais alguma coisa. Não podem restar dúvidas de que qualquer criminoso é já por definição tarado mas, daqui até à conclusão de que age por demência ou inconsciência, vão uma infinidade de conjecturas e teorias que só a psicanálise poderá deslindar e, mesmo assim, com possibilidade de erro.

De facto, nunca poderemos considerar um indivíduo igual a outro, pois há sempre uma tendência, psicológica ou não, que o identifica, levando-nos a ter em conta o homem por si e não por classes ou categorias. Daqui a personalidade dos indivíduos, a sua conduta perante a sociedade, as suas reacções particulares, etc.

No que respeita ao criminoso da rua de S. José, estamos perante um caso de demência ou de inconsciência?

E' bem provável que se trate de ambas as coisas. Por um lado a deficiente educação quando menino; por outro a vida até agora levada; e tudo isto aliado à ignorância de que deu provas (nem lhe sabe), devem ser os principais causadores do que se passou.

E é assim a vida. A sociedade que o abandonou ao mundo, exige agora dele o tributo dos seus próprios erros!

NECROLOGIA

Joaquim Viegas Azinheira

Faleceu em Lisboa o sr. Joaquim Viegas Azinheira, de 87 anos, viúvo, professor oficial, aposentado, natural de Olhão, pai das sr.ªs D. Idalina de Mendonça Azinheira Pral, dr.ª Ofélia de Mendonça Azinheira e D. Maria João Azinheira Alves, sogro do sr. dr. Jaime Constantino Alves, avô da sr.ª D. Maria Graciete Azinheira Alves e dos srs. dr. Jose de Azinheira Pral e Jaime de Azinheira Alves.

Raul Tomé Feteira

Inesperadamente, faleceu em Coimbra o nosso velho amigo e prezado assinante sr. Raul Tomé Feteira, de 75 anos, casado com a sr.ª D. Elvira Correia Feteira e irmão dos industriais srs. Lúcio, Albano e João Tomé Feteira. Tendo abandonado as suas actividades industriais, dedicou-se, nos últimos anos da sua vida, à prática do bem; daí que a população da Guia, onde tinha a sua casa, chorasse convulsivamente ao acompanhá-lo à sua última morada. Amanhã, se a morte não o tivesse arrebatado intempestivamente, assistiria ao seu último acto de benemerência: a inauguração da cantina escolar que mandou construir e de um edifício para os C. T. T. cuja renda custeará a manutenção da cantina.

D. Elisa Augusta Serpa Leote

Com 92 anos, faleceu em Lisboa a sr.ª D. Elisa Augusta Serpa Leote, viúva de João Francisco Leote, mãe da sr.ª D. Judite Augusta Serpa Leote Gonçalves e do sr. José Francisco Leote. A saudosa extinta era natural de Portimão e o funeral realizou-se para o cemitério dessa cidade.

António Amorosa Almodóvar

Faleceu em Lisboa o sr. António Amorosa Almodóvar, de 85 anos, natural de Tavira, pai da sr.ª D. Maria da Graça Almodóvar Bernardo e do sr. dr. António Manuel Almodóvar.

As famílias enlutadas apresenta Jornal do Algarve sentidos pésames.

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todo o Algarve.

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 2 a 8 de Outubro

ENTRADOS — Alemão «Porto», de 1.372 ton., de Cádiz, com carga em trânsito; Português «Ze Manel», de 926 ton., de Leixões, com adubos; Português «Mira Terra», de 562 ton., de Leixões, com adubos; Português «Maria Christina», de 549 ton., vazio.

SAÍDO — «Porto», para Setúbal, com conservas.

ALHINHO OCUlista

Rua Ferreira Neto, 34 — FARO Executa todo o receituário médico, com a maior rapidez e perfeição COMPLETO SORTIDO EM LENTES E ARMAÇÕES Consertos em Óculos e Relojoaria

TEM A CERTEZA DE QUE SABE ALIMENTAR-SE?

OS SEGREDOS DA DIETÉTICA MODERNA

pelo Dr. OCTÁVIO APARÍCIO

- O que comem os espanhóis
- Os pratos regionais são os mais completos
- A média da nossa altura é mais elevada porque nos alimentamos melhor

6

A ESPANHA é um país mediterrâneo nas suas três quartas partes e atlântico no resto. Portugal é um país atlântico. Portanto caracterizam-se por uma agricultura em que predominam a oliveira, a videira, os cítricos e o trigo, produtos que, no entanto, não são autóctones, pois que o trigo introduziram-no os iberos no século IX antes de Cristo e a oliveira e a videira os gregos e fenícios na quinta centúria precedente à era cristã.

Faço esta advertência porque os costumes alimentares de um povo dependem antes de tudo das substâncias alimentícias que produz o país; depois do clima (um sevilhano no Polo Norte comeria menos gaspacho e mais gorduras), vêm os factores económicos e culturais e, por último, nos tempos actuais, a técnica da conservação dos alimentos e a habilidade publicitária das poderosas casas de produtos dietéticos (leia-se «caldos de sopa» ou «bebidas refrescantes») para impor e popularizar as suas criações culinárias sintéticas. Na realidade o tipo de alimentação dos espanhóis e também dos portugueses não é a caprichosa manifestação da real gana do povo; ela representa o resultado final de uma laboriosa e dilatada fase de adaptação, através da qual as gerações de donas de casa foram escolhendo os alimentos e cozinhando-os não poucas vezes com genial intuição.

Legumes, batatas e pão

Em linhas gerais, a base das refeições dos espanhóis são os legumes

O ALGARVE BARLAVENTINO

Conclusão da 1.ª página

a Lagos, na sua motocicleta, para visitarmos esta vetusta cidade. O vento sibilava aos meus ouvidos e fomos encurtando a distância a percorrer. Lagoa, Portimão e Odiaxere já tinham ficado para trás e numa curva da estrada, debruçada sobre as águas, surgiu-nos a cidade que a luz matutina do sol levantino acariciava.

A boa impressão causada de longe não se desvanecia à nossa chegada porque Lagos, uma das mais antigas cidades algarvias e de renome histórico, já tem um movimento comercial e industrial apreciável e há grande actividade construtiva que tende ao seu maior engrandecimento. A avenida marginal ligando à estrada para Sagres, é uma obra do mais alto valor turístico. A sua baía é uma maravilhosa dádiva da natureza e das torres das suas velhas igrejas e dos baluartes das suas muralhas desfrutam-se lindos panoramas. Mas o seu mais belo miradouro, cremos que o mais belo do Algarve, é a Ponta da Piedade. A olho nu não é possível enxergar o cabo de Santa Maria mas avista-se, da banda Leste, um panorama grandioso com os seus caprichosos recortes de costa. Voltando-nos para Poente divisa-se o promontório de Sagres, o cabo de S. Vicente e uma série infinita de praiazinhas e rochedos. A Norte depara-se-nos a serra de Monchique, enorme monstro de pedra e verdura a escorregar para o mar. Na nossa frente a imensidade do oceano onde navegam barcos à vela e a motor, cruzando-se num vaivém contínuo em procura, nesta labuta incessante, da matéria que vai dar vida e acção a outras vidas; e a nossos pés temos o labirinto dos rochedos com arcos e furnas graciosíssimos por onde o mar, construtor de tão bela arquitectura, penetra murmurante, imprimindo vida a este recanto dos mais belos com que a natureza nos brindou.

Descendo a Ponta para a praia, percorremos todas estas encantadoras praiazinhas ligadas entre si por túneis naturais e artificiais até Lagos. E neste passeio, sob furnas e arcos de caprichosos efeitos, ficamos extasiados na contemplação maravilhosa destes rochedos e praias que o sol doira com a sua luz vivificante — a Costa d'Oiro.

Mas à Costa d'Oiro falta o que todas as praias do Algarve reclamam, — um hotel à altura das suas necessidades turísticas, aspiração bem velha pois já em 1912, o articulista V. A. apontava essa grande falta. Até hoje ainda o não possui e é pena porque assim, Lagos tornar-se-ia uma das melhores estâncias turísticas do Algarve e da Europa. — *Eurico Santos Patrício*

(entre os quais se destacam os grãos de bico que, além da Espanha, só se consomem em Portugal, no México e na Bulgária), as batatas e o pão, ao qual, tem-se dito, somos muito afeiçoados. Em certas zonas faz-se uso das verduras que vão tendo cada vez maior consumo assim como as frutas. As gorduras usadas são predominantemente vegetais. O leite e a carne consomem-se pouco. Cinco a dez quilos de carne por habitante e ano, que é mais ou menos o que consomem os italianos e árabes e muito inferior ao que gastam os centro-europeus, os quais, antes da segunda guerra mundial, consumiam de 70 a 80 quilos. Em compensação os espanhóis consomem bastantes ovos, prato em parte anti-higiênico (cada pessoa não devia consumir mais de dois ovos diariamente) e contrário ao nosso equilíbrio económico. Quanto a leite também se bebe pouco, ainda nas zonas de maior produção, como Santander. Mas isto não nos deve causar estranheza. Na Dinamarca, país leiteiro de primeira ordem, apesar da excelente qualidade da sua manteiga, esta tem sido substituída pela margarina. E o que acontece geralmente: «em casa de ferreiro espeto de pau».

Excelências da cozinha regional

Se ainda há um século existia a cozinha regional nas diversas províncias, na actualidade essa característica quase não existe porque a alimentação tornou-se quase uniforme em todas as províncias espanholas. Em muitos aspectos este fenómeno de unificação culinária representa uma catástrofe desde o duplo ponto de vista gastronómico e dietético.

As cozinhas regionais são a consequência biológica da adaptação ao meio a que já nos referimos. É curioso observar que quando se analisam à luz dos nossos conhecimentos modernos muitos pratos típicos regionais (paelha, favada asturiana, gaspacho andaluz, etc.) verifica-se como por simples intuição e por tradição se conseguiram uns pratos de grande valor nutritivo para a região e para o trabalho do consumidor, nos quais se encontram misturados em proporções equilibradas aqueles elementos nutritivos que hoje sabemos são os mais úteis e necessários.

Um serviço de ambulâncias no Algarve

Continuação da 1.ª página

passa a receber as correspondências de todo o Norte do País sem os atrasos actuais e a inversa, evidentemente, recebendo ainda no mesmo dia a correspondência trocada entre as terras algarvias.

Assim sairá de manhã de Lisboa uma auto-ambulância, com todo o serviço não só da capital como do Norte, Trás-os-Montes, Oeste, Leste e Beira-Baixa. O veículo chegará a Loulé pouco depois das 13 horas, onde o aguardarão as auto-ambulâncias que saíram por volta das 11 horas, de Vila Real de Santo António e de Lagos e que no seu percurso até Loulé foram deixando correio e recolhendo serviço. Em Loulé as duas ambulâncias recolhem o correio que irão distribuindo ao longo do percurso chegando ao termo da viagem (Vila Real de Santo António e Lagos) por volta das 17 horas, a tempo de se fazer a distribuição da correspondência. Por sua vez a ambulância que vem de Lisboa, depois da entrega e recolha de malas em Loulé segue para Faro, onde chegará antes das 14 horas e de onde partirá pouco depois, chegando a Lisboa por volta das 21 e 50, a tempo de apanhar todos os comboios-correios para o resto do País.

Para se fazer ideia da vantagem deste serviço damos um exemplo: uma carta metida no correio em Vila Real de Santo António até um pouco antes das 11 horas é recebida no dia seguinte no outro extremo de Portugal, em Valença do Minho. Actualmente são precisos quase três dias para a mesma carta fazer esse percurso.

O Algarve está convencido que este plano merecerá o apoio do sr. correio-mor e que no dia 1.º de Janeiro todos poderemos festejar a chegada da primeira ambulância.

Todos os pratos espanhóis típicos, mistura de muitos alimentos, tanto vegetais como animais (veja-se a paelha) reúnem as condições mais óptimas em questões nutritivas. O mesmo se pode dizer quanto ao cozido à portuguesa. E o menosprezado gaspacho andaluz pode considerar-se como alimento ideal de Verão, especialmente para os trabalhadores do campo.

A astenia estival e o gaspacho

O aparecimento das grandes ondas de calor produz entre certas pessoas uma sensação de cansaço. É a chamada astenia estival que se caracteriza por uma sudorese excessiva, nervosismo, depressão e fadiga física e psíquica que culmina com vertigens e desfalecimentos e até a perda dos sentidos.

Embora estes transtornos provocados pelo calor possam atacar todas as pessoas, são mais sensíveis aos mesmos indivíduos magros e esbeltos (assim são na sua maioria os habitantes da baía do Guadalquivir) com escassa penugem corporal e pele delgada e seca.

Os propensos a esta astenia estival devem ingerir sal comum em abundância, quer em bebidas salinas, quer salgando os alimentos. Também comerão fruta em grande quantidade no intervalo das refeições para se prevenirem contra a crise de desfalecimento. Outras medidas que favorecem o estado geral são a administração de vitamina C ou de sumos de limão e laranja.

Para chegar a esta conclusão os médicos tiveram que relacionar a astenia estival com uma ligeira in-

suficiência suprarrenal. Pois bem, intuitivamente os andaluzes, herdeiros directos dos tartessos, turdetanos e mouros chegaram à mesma conclusão, condimentando o esquisito e nunca bem estimado gaspacho que não é outra coisa que água salgada em abundância, com muitas vitaminas acumuladas no tomate, pepino e pimento esmagados em cru. Estudou-se o valor em calorias dos diferentes gaspachos e tornou-se público que uma ração de gaspacho andaluz contém 159 calorias e de gaspacho manchego 123 calorias; mas muito mais que o seu valor em calorias conta a sua riqueza em sais, vitaminas e água, que, como também é público, não embebeda, não endivida, nem envia.

Pratos e calorias

Ao unificarem-se as refeições dos espanhóis, os pratos regionais de maior êxito transformaram-se em nacionais e rivalizam com os comuns no jantar quotidiano. O conteúdo em elementos nutritivos ou princípios alimentares destes manjares foi estudado parcialmente. Em primeiro lugar pelos drs. Alonso Samaniego e Rodriguez Miñon e mais recentemente pelos jovens diplomados da Escola de Bromatologia, entre os quais Román Casares, López Herrera, Charro, Fojón e Gregório Varela.

Rodriguez Miñon chegou à conclusão de que as tabelas de composição química dos alimentos têm um interesse prático limitado porque nelas a composição do alimento é dada em cru. Além disso abundam, não os pratos «simples», mas os «compostos», como a paelha ou os croquetes, cuja preparação culinária exige diversos ingredientes impossíveis de calcular a olho. Mas ainda há mais dificuldades que podem induzir-nos em erro. Segundo os hábitos culinários de cada região e até de cada família, a composição de um mesmo tipo de prato costuma ser diferente. Assim entre a cidadíssima paelha valenciana clássica e o arroz que habitualmente comemos em nossas

casas a diferença é notória. O mesmo acontece com o cozido, bastante diferente o andaluz do madrilenho, como são diferentes o gaspacho andaluz do manchego.

Portanto calcular o valor calórico e nutritivo baseando-se em tabelas e em pratos «standard» é um tanto ingénuo e nada científico. Os verdadeiros cientistas, embora na experimentação se cinjam a medidas rigorosamente exactas, na prática, na ocasião de redigir um regime, limitam-se a dar umas normas gerais nada pretenciosas e muito claras de compreender e fáceis de seguir. O resto é perder tempo e incitar o paciente a abandonar prestamente a dieta como se se tratasse de uma dentadura mal feita.

Por isso os resultados dos drs. Alonso Samaniego e Rodriguez Miñon não coincidem, como também não coincidem nunca as donas de casa e as cozinheiras com as quais não se pode contar para fazer um estudo científico e sério, porque a maioria cozinha segundo a sua «arte» e mistura os ingredientes a olho.

Não obstante, Rodriguez Miñon fez um grande esforço e, contando com a inteligente colaboração das senhoras D. Isabel Pinilla, D. Carmen López Garcia e sua esposa, D. Angeles Cifuentes, estudou o valor nutritivo dos 47 pratos mais comuns da cozinha espanhola.

Segundo a sua análise, uma ração de 200 gramas de paelha de arroz tem 360 calorias; de arroz branco, 380; de arroz com leite, 258; de feijão catarino guisado, 277; de puré do mesmo feijão, 423; de feijão branco guisado, 300; de puré do mesmo feijão, 405; de cozido à madrilenha, 312; de sopa de grãos, 252; de lentilhas guisadas, 300; de ervilhas refogadas, 314; de batatas fritas à espanhola, 552; de torta de batatas, 386; macarrão com tomate, 272; carne de vaca panada, 194; costeletas de cordeiro fritas, 103; almôndegas, 122; pescada de fricassé, 222; pescada cozida, 140; lulas «en su tinta», 231; sardinhas fritas, 370; feijão verde cozido com molho de tomate, 160; repolho cozido e guisado, 205; sopa de horta-

liças, 152; chocolate com leite à espanhola, 243, e 100 gramas de rosquinhas fritas, 387 calorias.

O caldo galego e os grelos

S. Fojón, que estudou alguns pratos do noroeste, fala-nos dos grelos galegos. A importância que esta hortaliça tem na alimentação galega (e no Norte de Portugal) é muito grande, porque dá a nota característica a grande parte dos pratos tipicamente galegos e sobretudo a dois: o «lacoñ» com grelos e o caldo galego, que constituem na aldeia o alimento básico e quase exclusivo, em muitos casos, dos camponeses.

No caldo galego encontra-se tudo o que necessita um organismo para se manter com energias suficientes, ainda para os trabalhos pesados: hidratos de carbono (batatas e feijões, principalmente), proteínas (carne de vaca e de porco), gorduras, vitaminas, etc. Mas o conteúdo em princípios alimentares dos grelos é exiguo e portanto, também é mínimo o seu poder calórico. O seu valor como alimento reside nas vitaminas, essências e sais que contém. Por este motivo as cozinheiras galegas associam intuitivamente esta hortaliça às féculas, às carnes e às gorduras.

A merenda madrilenha

Em Espanha, como em muitos outros países, entre eles a China, fazem-se três refeições, sendo a primeira (o pequeno almoço) a mais frugal. Nos países anglo-saxónicos come-se abundantemente de manhã e à noite. Em compensação, ao meio dia ingere-se apenas uma merenda. A tendência actual é de preconizar refeições frequentes e frugais porque são as refeições copiosas que esgotam a capacidade funcional do aparelho digestivo e as suas glândulas, fígado e pâncreas. Assim, de acordo com os estudos de Keister e Comstock, parece que o hábito madrilenho do «bocadillo» das onze da manhã e a prática mais generalizada da merenda, são mais naturais e sãs do que se julga. Mas a refeição deve basear-se em leite, frutas, açúcar e verdura.

Os espanhóis estão melhor alimentados

Embora a alimentação dos espanhóis apresente ainda muitas deficiências no seu aspecto científico nutritivo, é indubitável que o nível alimentício elevou-se neste século, pois a altura média da população vai aumentando como se demonstra na inspecção dos recrutas. Antes, a altura média do soldado espanhol era de 1,58 a 1,60 m. Hoje é de 1,62 m. Todos os médicos conhecem a influência da dieta no crescimento. Os japoneses, que têm fama de ser uns homenzinhos delgados e baixos, mudam com outra alimentação mais substanciosa. McCollun verificou que os nipónicos da Califórnia, sujeitos aos hábitos alimentares americanos, adquirem em duas ou três gerações a altura e a estrutura física do resto dos norte-americanos. Inquestionavelmente, se subiu a altura média do espanhol é porque tem ido melhorando a sua alimentação no século XX.

Fim da série

Exclusivo para Portugal do JORNAL DO ALGARVE. Reprodução, mesmo parcial, rigorosamente proibida.

VENDE-SE

Bateria de JAZZ, moderna, em estado novo e com todos os apetrechos. Tratar com Armando J. Peres, Rua dr. Sousa Martins, 75 — Vila Real de Santo António.

CINE-CLUBE

de Vila Real de Santo António

TÊM excelente programação as duas sessões que no mês em curso o Clube de Cinema de Vila Real de Santo António proporciona aos seus associados.

A primeira, na sexta-feira próxima, é constituída pelo magnífico filme «Romeu e Julieta», em que o tema shakespeariano é abordado magistralmente por Renato Castellani. Tão magistralmente que obteve o Grande Prémio Internacional de Veneza.

A segunda sessão de Outubro, no dia 24, é extraordinariamente valorizada pelo filme «No Reino da Calúnia», de Roberto Aldrich, que por avaria da máquina de projectar do Cine-Foz não pôde ser exibido em Agosto, como estava previsto.

Companhia União Fabril

AO SERVIÇO DA LAVOURA

A Companhia União Fabril vem recordar aos seus estimados clientes que, por intermédio dos seus Serviços Agronómicos, mantém graciosamente um serviço de resposta a consultas sobre adubações e correcções de terrenos, incluindo a execução de análises de terra, igualmente gratuita, combate a pragas e doenças das plantas, execução de mondas químicas, etc.

As respostas às consultas, que abordam os problemas acima mencionados, são asseguradas por aqueles Serviços, que baseiam as suas recomendações à Lavoura em estudos e experimentações próprios, conduzidos seriamente em diversas regiões do País, por métodos consagrados pela moderna técnica agronómica.

Não se esqueça Sr. Lavrador que cada terra exige a sua adubação particular.

Antes de proceder à fertilização da sua seara não deixe de consultar os Serviços Agronómicos da CUF, dirigindo-se para tal aos referidos Serviços, Rua do Comércio, 49, Lisboa, ou a qualquer dos Depósitos desta Companhia.

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

Rua do Comércio, 49 - LISBOA

Depósitos em todo o País

UMA CARTA do sr. Adelino Vieira Neves

Conclusão da 1.ª página

gramaticais e ortográficos praticados pelo sr. Vieira Neves:

Lisboa, 29 de Setembro de 1958

Ex.º Sr. Senhor

Director do «Jornal do Algarve»

Pessoa amiga telefonou-me ontem, recomendando-me a leitura do «Jornal do Algarve», de 13 do corrente.

Li atentamente a prosa chocarreira que pretende diminuir-me quer na qualidade de industrial gráfico, quer na de redactor do jornal «Ribamar», quer ainda na acção em prol da imprensa regionalista, o que tudo atinge a minha personalidade de cidadão honesto, trabalhador e já com a idade que não deve servir de escarneo seja a quem for.

Não lhe respondo no mesmo tom desrespeitoso ou falho de senso, porque tal não está no meu temperamento, na minha educação, nem próprio dos cabelos brancos que me cobrem a cabeça e ainda porque a imprensa não deve servir de circo onde os palhaços se exibem para fazer rir os assistentes.

Há muitos anos, cerca de 40, que escrevo para a imprensa, como amador de jornalista, embora por vezes tenha recebido proventos dessa actividade, tendo sido delegado do «Século» e «Comércio do Porto», no Alentejo, durante mais de dez anos, e colaborando em muitos dos periódicos regionais portugueses e brasileiros, pelo que tenho muito respeito pela imprensa e mais ainda pelos seus leitores.

Começando pela estrada inicial do seu artigo, de efeito humorístico sem piada, devo dizer-lhe que o dono da tipografia Transtaganá e seus sequezes, são pessoas honestas que exercem uma indústria legal, digna e cumpridora das suas responsabilidades, como qualquer outra oficina gráfica, nada se fazendo aqui que esteja fora das normas legais e técnicas.

Quanto ao periódico «Ribamar» que é composto e impresso na referida tipografia, espanta a altaneira atitude do director do «Jornal do Algarve», menosprezando este e tantos outros paladinos da imprensa regional, como se o seu jornal fizesse parte duma outra imprensa, mais complexa, rica e importante. Provavelmente o seu jornal emparelha com os grandes diários, como o «Século», onde o sr. José Barão é redactor profissional e colhe os benefícios para se desempenhar, melhor que ninguém, da missão de dirigente da folha de Vila Real de Santo António. «A folha de couves», como classifica o jornal «Ribamar», vive única e exclusivamente da boa vontade e sacrificios dos seus dirigentes, orgulhando-se de fazer regionalismo puro, construtivo e patriótico, levando a sério a sua missão. É pequeno no formato e não tem muitos milhares de assinantes, mas nem sempre os grandes homens são os mais inteligentes nem os mais honestos. O conhecimento do sr. José Barão da imprensa regional é tão exigua, (o que não admira porque tem vivido sempre amparado pela grande imprensa), que não lhe nem sabe que «Ribamar» é a continuação da «Revista Transtaganá» que se publicou em Évora, durante mais de vinte e três anos, com tradições bem vinculadas, cujas páginas inseriram colaboração dos melhores nomes da literatura portuguesa, elevando ao mais alto grau a imprensa regionalista. O seu director que o é ainda de «Ribamar», o sr. dr. João Vicente de Oliveira Charrua, cuja personalidade intelectual, social e moral certamente não deve ter paralelos com a do jornalista de cátedra, director do Jornal do Algarve.

Referindo-me às desleiantes insinuações do sr. José Barão, redactor de «O Século» e director do «Jornal do Algarve», devo afirmar que a acção dispendida em defesa da imprensa regional, não representa de forma nenhuma, mendicidade do auxílio do Estado, mas sim os legítimos direitos que a mesma imprensa deve usufruir pelo cumprimento duma missão digna, elevada e patriótica. Não julgo indigna a obtenção de direitos que outros já estão na posse ilegítimamente, pela circunstância de acumularem funções na imprensa privilegiada e na diminuída (grande e pequena imprensa).

A imprensa regional que tudo dá, a tudo se sacrifica e que nada recebe, vivendo satisfeita da sua missão de enaltecer a pátria do torrão pátrio onde circula, se lhe cumpre contribuir para o Estado com as contribuições e impostos em que é colectada como indústria que é, (tal como as empresas editoras dos diários), também deve ter direitos similares. O sr. Vieira Neves, no final da sua carta, dando-se conta de que nós não temos «qualquer carta univer-

sitária» mas apenas outra muito mais modesta, injuria-nos, coisa que nós não fizemos em relação à sua pessoa, pelo que, repetimos, o assunto merecerá posterior apreciação.

E agora analisemos o conteúdo da mal redigida missiva do sr. Vieira Neves, que não favorece nada a sua condição de «amador de jornalista». Diz o sr. em causa que não está na sua educação usar tom desrespeitoso, o que não impediu a injúria de afirmar — final da carta — que não nos ensinaram os mais «elementares preceitos de urbanidade e respeito pelo seu semelhante». Se isto é tom respeitador, então, confessamos, não sabemos onde delimitar a fronteira do respeito e do desrespeito.

Mas vamos ao resto. Diz o sr. Vieira Neves que tanto ele como os seus apaniguados ou sequezes, neste caso do Grémio, são pessoas honestas que exercem uma indústria legal, digna e cumpridora das suas responsabilidades. Cremos que até agora ninguém pôs em dúvida a honestidade do sr. Vieira Neves nem daqueles que o rodeiam e que nós pedimos encarecidamente ao redactor do «Ribamar» nos diga quem são.

Quanto a isso de menosprezarmos a imprensa regional, parece-nos feia a classificação do sr. Vieira Neves, feita porque nós somos Imprensa regional, com os sacrificios, prejuízos e incómodos que pressupõe manter um jornal com o nível que caprichamos em imprimir ao nosso e que gostaríamos servisse de padrão a muitos dos nossos colegas, ainda que se publicassem em Alêges.

Não menosprezamos a nossa própria qualidade de Imprensa regional sr. Neves. Está enganado! De lá passámos directamente ao profissionalismo e nunca a abandonámos, como o prova o «Jornal do Algarve» e devemos dizer que sentimos maior gosto em exercer o amadorismo que o ofício remunerado. O que não podemos, razoavelmente, é dar o nosso aplauso à macacada que pretende o sr. Neves, baseada nos argumentos já tornados públicos. Se o sr. Neves tivesse artes para dar alento à Associação da Imprensa Regional contaria com o nosso aplauso e a nossa cota, porque entendemos que esse organismo podia e devia ser vantajoso para a defesa da pequena Imprensa. Agora isto do sr. Neves, falhada a Associação, pretender um sindicato e não obtido este, requerer um grémio, é que é de um ridículo a toda a prova. Continuará a ignorar o sr. Neves que sindicatos e grémios são organismos de profissionais e portanto inadequados a «amadores de jornalista», como ele se classifica?

Bem, estamos a gastar muito espaço com o sr. «redactor» do «Ribamar». Apenas mais um esclarecimento. Não fizemos qualquer referência ao sr. dr. João Vicente de Oliveira Charrua e somos do mesmo parecer do autor da carta — «cuja personalidade intelectual, social e moral certamente não deve ter paralelos com a do jornalista de cátedra, director do Jornal do Algarve».

Justo! Mas sem cátedra.

ARRENDA-SE

Pela melhor oferta e por proposta em carta fechada, uma morada de casas, com rés-do-chão, 1.º andar e quintal, sita na Rua do Conselheiro Doutor João Bernardino de Sousa Carvalho, na vila de Castro Marim, para nela continuar-se a exercer o seu actual comércio e habitação do arrendatário, incluindo-se no arrendamento os respectivos móveis e utensílios do dito estabelecimento.

O arrendamento é feito pelo prazo de três anos, renováveis por igual tempo e sucessivamente, se ambas as partes estiverem de acordo.

O direito de entrega só se verifica, convido as ofertas. Tratar com o seu proprietário António Gomes Gonçalves, até ao fim do corrente mês de Outubro, no seu estabelecimento da Rua Teófilo Braga, em Vila Real de Santo António.

VENDE-SE

ARMAZÉM com alvará de Estiva e Filetes de Anchovas, área coberta 850 m2, descoberta 750 m2. Informa Sérgio Camacho Teixeira, Rua Mouzinho de Albuquerque, 149, telefone 199 — Matosinhos.

A PESCA CRIMINOSA grassa no rio Arade

SILVES — É deveras lamentável o que se está passando no rio Arade com a pesca criminosa. A continuar assim, em breve desaparecerão todas as espécies de peixe, que vinham (graças à protecção que há dois ou três anos lhes foi dada), aumentando de ano para ano, o que estava a tornar este rio encantador num esplêndido campo de pesca desportiva, ou melhor, de pesca «caseira».

Da ponte de Portimão ao sítio pitoresco da Velha das Castanhas são as «tapadas» (como aqui se diz), em pleno dia, que matam toda a criação de muges, ou tainhas, robalos, xarrosos, etc. Daquele sítio até à ilha de Nossa Senhora do Rosário são as bombas dos amadores criminosos desta cidade, que, quase infalivelmente, ali as vão lançar nos sábados à noite. Estas, mais criminosas ainda do que as célebres «tapadas», matam dezenas de quilos de peixe, que fica no fundo do rio e que ninguém pode aproveitar, peixe que daria fartura a muitas casas, uma vez apanhado por meios legais.

Não há que ter contemplação com os prevaricadores que, ao abrigo da escuridão, exterminam a riqueza do nosso poético Arade. Há que lhes dar caça por todos os meios, tal qual se faz com as traineiras, que, criminosamente, apanham sardinhas pequenas sem a medida legal. Procedendo assim, ter-se-á o agradecimento dos pescadores honrados das terras ribeirinhas do rio das moiras encantadas, prestando-se um bom serviço à economia da Nação.

Crentes de que seremos ouvidos, pedimos providências ao sr. comandante do porto de Portimão. — Um enamorado do Arade.

Coisas que não estão certas EM MONCARAPACHO

OLHÃO — O telhado do mercado abastecedor de peixe e verduras, em Moncarapacho, precisa de uma reparação geral, pois os vendedores, têm de recorrer a papéis e cartões, para evitar que o sol incida sobre eles e as mercadorias expostas.

Também a bomba do poço municipal, continua a não funcionar, em razão de certo desleixo. Quando será reparada, visto fazer imensa falta para o abastecimento de água à população, que tem de recorrer aos baldes?

Ao construir-se o novo troço da rede de esgotos, frente ao novo edifício dos C. T. T., abriram-se valas nas ruas. Agora foram estas tapadas, mas o seu nivelamento, porque está mais alto que o normal, ocasiona dificuldades no trânsito.

Aguarda-se solução para a construção da sede da Junta de Freguesia. Enquanto se aguarda, verifica-se que o edifício sito no local provável da mesma construção, e em más condições de segurança, podia ser demolido...

Seria oportuno que a quando da próxima inauguração do novo edifício dos C. T. T., já existisse a ligação permanente dos telefones da aldeia, à rede geral, mas não com o horário limitado das 9 às 13 e das 14 às 18.

Para todos estes justos reparos, chamamos a atenção de quem de direito, certos de que estes problemas serão resolvidos com brevidade, a contento da população de Moncarapacho. — C.

Cine-Foz

DOMINGO, para cumprimento da Lei de Protecção ao Cinema Nacional, Sol e Touros, com Manuel dos Santos, Amália Rodrigues e Fernanda Baptista. (Para 12 anos).

QUINTA-FEIRA, Um dia virá, com Maria Schell e Dieter Borsche. (Para 12 anos).

O PARQUE E AS OBRAS INTERNAS DE PORTIMÃO

Conclusão da 1.ª página

A zona dos velhos moinhos do Lopes do Rosário, junto à linha e estação do caminho de ferro, podia muito bem ser aproveitada para construir o grande parque da cidade, instalando nele: uma piscina para adultos e outra para crianças, um ringue de patinagem, um restaurante com serviço de bar e café, jogos autorizados, uma esplanada, etc., com um recinto para automóveis. Juntamente ficaria o parque arborizado.

O que sugerimos tem ainda a vantagem de sanear esta parte da cidade, acabando com uma zona fétida e vasto campo propício à criação de mosquitos e moscas, naturalmente prejudiciais à saúde pública e ao conforto da população.

Obras internas do porto

A natural sequência dos trabalhos decorrentes, depois do resultado obtido com a construção dos dois quebra-mares, na entrada da barra, são as obras internas do porto, sem dúvida de grande importância técnica e elevado custo, mas que se devem encarar quanto antes.

A realização do vasto projecto não pode de modo nenhum dispensar dos técnicos competentes a melhor atenção e certa parcela de boa vontade e muita dedicação pelo futuro da nova cidade, tendo em vista que daí resultará a sua expansão ou o seu estrangulamento, isto é, a limitação do seu aglomerado urbano no sentido mais apropriado ao seu prolongamento.

Na breve resenha que acabamos de fazer sobressaem os principais problemas a resolver e que é óbvio equacionar por quem tem o encargo de proporcionar o melhor aproveitamento das riquezas naturais a bem da economia nacional e o bem-estar da família, sem se deixar arrastar por sentimentalismos ou excesso de confiança na sua infalibilidade, tão nefastos ao acerto da melhor solução.

O II Plano de Fomento atribui ao porto misto, de pesca e comércio, cinco mil contos; evidentemente que a sua aplicação não tem em

vista as obras internas do porto, que nos parece se devem estender desde a entrada da barra, e pelas duas margens do rio, até ao pequeno cais de Silves, e logicamente sob o encargo de várias dependências do Estado.

Este plano de trabalhos não poderá deixar de compreender muralhas marginais e limpeza das areias e lamas que obstruem o canal de navegação, tornando-o acessível a barcos de maior calado. Certamente não pode deixar de incluir a terraplanagem dos lamaçais denominados por Coroa, de modo a que possam ali ser instalados todos os estabelecimentos fabris assentes na terraplanagem do velho dique, só ficando na margem direita: a lota do peixe, o porto comercial, uma doca de recreio, e as instalações imprescindíveis ao funcionamento destas actividades, ou as que pela sua natureza não prejudiquem a expansão da cidade.

Igualmente devem passar para a margem esquerda todos os estaleiros e carreiras de construções navais, bem como a doca de pesca (a construir), estendedores de redes e depósitos de carvão e combustíveis líquidos, etc. A este aproveitamento, da extensa área situada defronte da cidade e limitada pelo aterro da ponte e a estrada de Ferragudo, se ligam também as obras de saneamento desta povoação, atravessada pela enchente das marés, e consequentemente o seu aproveitamento como ponto de turismo, pela sua esplêndida situação e graciosidade do seu aglomerado urbano, também servido por duas belas praias.

O plano a que nos referimos não deixará de incluir igualmente a continuação da muralha, na margem direita, até à ponte de caminho de ferro, e para além desta a construção das piscinas e o parque atrás aludidos; e, naturalmente, a limpeza do rio até Silves, e as obras adequadas a garantir a navegabilidade de pequenas embarcações, com as características próprias aos fins previstos. Claro que todas estas obras não podem deixar de incluir o alargamento da ponte, ou o que a técnica aconse-

lhar, para que sobre ela possam cruzar-se os autocarros constantemente em movimento.

Estas obras, de tão apreciável monta, já deviam fazer parte do II Plano de Fomento que vai ser submetido à apreciação da Assembleia Nacional; mas, ao que parece por falta do competente estudo, estão postas à margem do Plano, o que é grave para a urgente necessidade de Portimão se expandir e se tornar o grande centro de turismo, a que tem direito pela sua bela situação geográfica, com prejuízo da sua evolução populacional e da afluência de turistas.

É evidente que os melhoramentos que acabamos de esboçar implicam também a correcção, há muito justificada, da divisão administrativa entre Lagoa e Portimão, pelas características das populações ribeirinhas da margem esquerda do rio, e pela natureza das suas actividades intimamente e permanentemente ligadas a esta cidade, onde devem pertencer, e ainda pela grande conveniência de um melhor aproveitamento turístico, de grande importância para toda a região.

Joaquim António Nunes

Funcionalismo público

Está aberto concurso para provimento do lugar de terceiro oficial do Governo Civil do distrito de Faro, pertencente à 3.ª classe da 2.ª categoria do quadro geral administrativo dos serviços externos.

Foi transferido para a 1.ª secção do 1.º juízo da comarca de Leiria o sr. José António dos Reis Palma, chefe da 2.ª secção do tribunal de Faro.

A Câmara Municipal de Tavira contratou para uma das vagas existentes de escriturário de 3.ª classe, do quadro privativo da secretaria, a sr.ª D. Maria Luisa Costa da Luz.

Foi rescindido, a seu pedido, do respectivo contrato, o sr. Teófilo Afonso de Brito, escriturário de 2.ª classe do quadro do pessoal administrativo, em serviço na Direcção de Estradas do distrito de Faro.

Foi autorizado a receber o vencimento de exercício perdido e a perder, no corrente ano pelo escriturário de 2.ª classe, sr. José da Silva Cabrita Grade, o sr. Surenora Xencora Fortes Nadkarni, escriturário de 2.ª classe na Direcção de Estradas do distrito de Faro.

Está vago o lugar de chefe da 2.ª secção do tribunal da comarca de Faro (2.ª classe).

Vende-se

Uma porção de terreno com oliveiras, amendoieiras, alfarrobeiras e figueiras e casa de habitação, no sítio da Quinta de Manuel Alves, freguesia de Vila Nova de Cacela. Tratar com João Roberto Guerreiro, no referido sítio.

Comparticipações

PARA OBRAS

O sr. ministro das Obras Públicas, através do Fundo do Desemprego concedeu participações: à Câmara de Castro Marim para reparação do edifício dos Paços do Concelho, 20.000\$; à Junta de Província do Algarve para construção do edifício-sede, em Faro reforço, 100.000\$; e à diocese do Algarve, para construção da capela de Figueira, Vila do Bispo, 20.000\$.

Urge a construção

em Lagos

de um bairro para pescadores

LAGOS — Toda a cidade e em especial a classe piscatória, aguarda, com ansiedade, a visita dos técnicos da Junta Central das Casas de Pescadores ao local onde se projecta a construção de um bairro para pescadores, prometida pelo sr. comandante Tenreiro em Maio do corrente ano, quando uma comissão da mesma classe se deslocou, para o efeito, à capital.

Cada vez mais se faz sentir a falta do referido bairro, pois a maioria dos pescadores de Lagos vive em casebres sem as mínimas condições de higiene, alguns deles antigas cavalariças.

Também na Meia Praia, junto a esta cidade, existem 21 cabanas de colmo onde vivem famílias que se dedicam à faina da pesca. — C.

Trespasa-se

Por motivo de retirada, trespasa-se o estabelecimento de fazendas, drogas, solas, ferragens e tintas, mais antigo de Castro Marim. Propostas a este Jornal ao n.º 11.

ATUM AUTÉNTICO DO ALGARVE
 Barriga, Sangacho, Espinhaços, Desperdícios, Orelhas, Rabos, Tarantelo, Lombos, para estupetas —
 Atum em barris de 35 kg. ou latas de 5, 10 ou 15 kg.
 Preços especiais para revenda
 As melhores qualidades com os melhores preços. Especialidades — do Algarve. Conservas de todas as qualidades —
Abastecedora de Atum da Ribeira Nova, Lda.
 Rua da Ribeira Nova, 6 a 16
 Telefones 25284 ou 23378 LISBOA

Sumol
 PASTEURIZADO, NATURAL & SEM CORANTES
SUMOS DAS MELHORES FRUTAS DE PORTUGAL
 LARANJA • LIMÃO • ANANÁS • MAÇÃ
 A deliciosa e saudável bebida, natural e sem aromas sintéticos, recomendada às crianças, jovens e adultos, por conter as vitaminas e minerais das frutas (fontes de melhor saúde e mais longa juventude).
 Refresco de Verão e tónico de Inverno

ROLAMENTOS E CHUMACEIRAS RIV
 FABRICO ITALIANO
 PARA APLICAÇÕES INDUSTRIAIS
 REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
AUTO-LUSITANIA
 AV. DA LIBERDADE 73 A 79 - LISBOA

SOCIEDADE OCEANICA DO SUL, S. A. R. L.
 Rua de S. Bento, 178-1.º LISBOA
 Motores marítimos: SKANDIA, KAMPER, ATLAS IMPERIAL
 SIMRAD — Sondas e rádios telefones para a pesca.
 Máquinas para a indústria de conservas: SUDRY
 ASSMAN — Aparelhos gravadores de som para ditado.
 Aparelhos descongeladores e de aquecimento para a indústria e conforto MASSER
 Máquinas para café-creme EUREKA
 Agentes em todo o Algarve



VELA
Campeonato da Europa da I. Y. R. U.
em barcos de um tripulante
(ÚLTIMO ACTO)

COMO observador no júri de regata e protestos (só um para tudo), acompanhámos de perto todas as provas de «finns».

O que se passou de mais interessante quanto a regras e que interessa a todos os que se dedicam à vela ou a praticam, foi a aplicação do princípio estabelecido na Regra 39: O júri não pode actuar (quando não vê o incidente) por informação de um concorrente que disputa a regata e que o viu, e não protestou, seguindo os trâmites da Regra 38 e mais o que sobre protestos se tenha escrito nas instruções da regata, o que sucintamente se resumia nisto: Quem desejar protestar deve dizer ao júri que o vai fazer, dirigindo-se ao barco do júri, no fim da regata.

O barco «A» na quarta regata levava direito a rumo pela regra 50-4 b. O barco «B» não levava direito a rumo. Ao aproximarem-se tocaram-se, mais pela excessiva ondulação do que pelo resultado de qualquer luta. Os «finns» desapareceram, com mastro e tudo, e ficavam completamente encobertos no cavado das ondas pela larguíssima distância entre as cristas, que felizmente não rebentavam (havia mar de fora).

O barco «C» foi testemunha do incidente, mas não protestou, e os barcos em colisão desculparam-se um ao outro na melhor das boas vontades e acabaram normalmente a prova sem protesto, indo a terra assinar a declaração da Regra 11, exibida no quadro do C. N. C.

Só muitas horas depois de terminada a prova durante a qual se deu o incidente, apareceu o barco «C» a entregar ao júri uma carta sobre o mesmo, alegando que não tinha protestado porque esperava que qualquer dos concorrentes, ou ambos, se tivessem abstido de assinar a declaração da Regra 11, pela qual declaravam ter cumprido todas as regras sem incidentes. Este ponto da assinatura era (na opinião do barco «C») um facto que justificava ele não ter protestado antes, pois a Regra 38 diz que um concorrente pode protestar tardiamente quando não está na posse dos factos.

Reunido o júri, resolveu normalmente três propostas do presidente em exercício (na ausência do presidente de facto), a saber:

- 1.º — Que não havia protesto: «Não» (votação por unanimidade);
- 2.º — Se podia discutir o caso academicamente: «Sim» (votação por maioria);
- 3.º — Se deveria desclassificar e aceitar a informação de «C»: «Não» (votação por maioria).

«A informação era quando muito uma acusação», depois do barco «C» saber os resultados da classificação da prova, não sendo uma informação de «pessoa sem interesse nessa prova».

Por falta de acordões oficiais sobre a interpretação das regras, por parte da I. Y. R. U. — que unicamente as publica e não confirma ou nega a razão de muitíssimos acordões «particulares» que há, especialmente da Royal Yachting Association (Federação Inglesa que administra os assuntos da I. Y. R. U.), mas talvez tenha que o vir a fazer, uma vez que instituiu os seus campeonatos privativos «por nações», em barcos de um, dois e três tripulantes —, o júri internacional não quis parar na primeira proposta do seu presidente e encerrar o assunto, como normalmente se faz, excepto em escolas, como as da M. P.

Todavia, a discussão académica teve a vantagem de convencer o barco que não levava direito a rumo, a que tecnicamente era ele o culpado da infelicidade do toque e, uma vez convencido que «em regatas as regras fazem parte do jogo e do azar de cada um», teve o simpático gesto de escrever ao júri, pedindo licença para «abandonar a prova do incidente».

Todos os que cortaram a meta depois desse barco, incluindo «C», ficaram radiantes por terem subido pontos, mas notou-se que a maioria (se não todos ou quase) dos con-

correntes não sabiam o sentido oculto das regras, o que não é de admirar, pois também os que caem na Boa-Hora ignoram muita coisa e todavia «vivem».

Igualmente os meritíssimos juizes vêem, por vezes, as suas decisões voltadas do avesso, pelos vários tribunais de apelo.

Nestas regatas, oficialmente internacionais por nações, é que se deveria guiar o júri de outra maneira, uma vez que, pelas regras destes campeonatos da I. Y. R. U., não há apelo do júri internacional, que tem toda a força de um ditador. E vamos lá que resolveu, felizmente, tudo bem. No futuro, talvez as coisas ainda mudem e os campeonatos oficiais de Cascais tenham servido de exemplo.

Apesar de quase 70 anos de existência, a International Yacht Racing Union só de há uns três anos a esta parte é que tem uma «constituição oficial», havendo ainda muito que melhorar e que pagar para as despesas da sua administração, pois a Federação Inglesa que hoje a auxilia, gasta só com a sua administração privativa de Federação Nacional, perto de três mil escudos por dia e não pode ser a única a perder o seu tempo e dinheiro com os assuntos da I. Y. R. U.

Bem sabemos que todas as nações pagam a sua quota à I. Y. R. U. (excepto a Venezuela que acaba de ser expulsa por lá dever cerca de 15 mil escudos), mas o que pagam, embora alguns julguem muito (Portugal paga anualmente 3.645\$00), não chega para tudo o que se necessita.

Quanto aos concorrentes em si, a maioria excelentes mãos de leme. Com ventos brandos, uns melhoraram e outros pioram. Com ventos meio frescos, como no último dia, houve uma tremenda luta em todos os bordos, especialmente nas bolinas, entre a Holanda e a Inglaterra. A própria Itália (campeã no final) andava a um quarto de volta de distância.

E nós? Nós, que nos gabamos de ser um País de marinheiros e de sermos os campeões dos ventos rijos (dos terríveis Nortes, que muitos julgam só existirem em Portugal), ficámos, nas nossas próprias águas, em último lugar, apesar de toda a boa vontade e desportivismo do nosso representante.

Tinha pois razão o Jornal do Algarve quanto à péssima escolha do «finns».

Não teria sido muito melhor para o prestígio do nosso País ter-se escolhido o «moth» para barco do Campeonato? Parece-nos que sim e que os técnicos da Associação Portuguesa da Classe Moth, que previram o «brilhante» resultado de Portugal em «finns», devem a estas horas estar a rir-se dos «técnicos» e dirigentes da F. P. V. que redigiram certos «comunicados» para os jornais.

E algumas nações não mandaram os seus melhores! A Dinamarca, por exemplo, não mandou Paul Elvstrom (que andava a correr em «stars», para ver se aprende a fazer velas que ganhem regatas e as vende aos milionários «staristas», pois os «finnistas» têm poucos fundos). A Inglaterra enviou um seu 6.º, que, mesmo assim, ganhou um 2.º, um 3.º e um 1.º, no dia do festival, ficando em 8.º na classificação geral.

A Bélgica não apareceu com o seu óptimo Nallis.

Por tudo se viu que o «finns» é, na verdade, um excelente cavalo de corridas para o qual Portugal não tem «jockeys».

Beneficiará a M. P. da dádiva de 15, e mais 1 «finns», que um particular lhe deu?

Ouve-se dizer que os «staristas» vão fazer do «finns» o seu barco de Inverno.

Dizem os marítimos que é mau agouro o aparecimento de um albatroz branco em certas paragens dos oceanos. Aparecerá o «albatroz branco» aos «finns» em águas portuguesas? Deus proteja os «finnistas» da influência «star»!

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

Campeonato Nacional de Futebol (II Divisão)

Comentários por ENCARNAÇÃO VIEGAS

O empate teve laivos de castigo para a turma da Praia da Rocha

Portimonense, 1 — Sacavenense, 1

O Portimonense perdeu um ponto no seu terreno certamente imprevisível mesmo para os mais pessimistas. E não restam dúvidas de que a igualdade registada ao fim dos noventa minutos regulamentares castiga a irreverência da turma barlaventina em adoptar um padrão de jogo mais consentâneo com o verdadeiro «association».

Realmente a equipa olvidou o sistema de bola rasa que tem perfilhado, substituindo-o por um processo de jogo de passes por alto e de preferência pelo centro do terreno. Bem organizado na defesa, o Sa-

cavenense soube tirar partido desse erro do adversário na medida que, aceitando o domínio territorial dos locais, lançava em contra-ataques as suas unidades mais adiantadas — Azevedo e Serra — que só não ganharam o encontro porque a madeira substituiu Daniel, já depois do 1-0 dos visitantes.

A fazerem o 2.º gol a escassos minutos do fim, cremos que seria difícil ao Portimonense chegar ao empate.

Mas há males que vêm por bem... e o Portimonense talvez não esqueça a lição.

Desta vez a «orquestra» não desafinou

Serpa 3 — Farense, 5

A melhoria por nós assinalada na passada semana à equipa farense teve em Serpa a devida confirmação.

Começando a partida logo em bom plano, a turma de Faro foi-se pouco a pouco apoderando do comando do jogo, entontecendo os adversários com o seu sistema de bola rasa e em constante movimento entre médios e avançados, dando a estes oportunidade de, em desmarcações sucessivas, marcarem cinco tentos, o que fora de casa é sempre proeza a assinalar.

No entanto e apesar da sua superioridade técnica, o Farense teve ainda o triunfo comprometido, pois, devido à inferioridade física de Mário, permitiu a igualdade depois de ter 3-0 a seu favor.

Tiveram então os algarvios a sorte do jogo pelo seu lado ao marcarem o seu 4.º tento na transformação directa de um pontapé de canto. E a partir daí até final a «sinfonia» não teve soluções de continuidade, acabando os algarvios em plano de relevo, vencendo e convencendo os próprios adversários.

Os algarvios estiveram em tarde apagada

Olhanense, 2 — Almada, 1

Embora vencendo, se bem que com grandes dificuldades, o Olhanense não se exibiu a contento. Diga-se até que esteve muito longe daquele futebol de «veludo» a que a turma nos habituou.

Certamente que ao «team» da vila cubista devem ter pesado as ausências forçadas de Abade, Toupeiro e Campos, mas isso embora atenuando não justifica a inferior actuação dos pupilos de Joaquim Paulo.

Sempre que os homens da «meia concha» não atinjam um nível razoável de rendimento, forçosamente que a factura de jogo da sua equipa tem de ressentir-se desse mau funcionamento das peças impulsionadoras dos lances ofensivos, na medida que a organização defensiva é afectada por falta de auxílio eficaz. E foi o que sucedeu no Estádio Padinha, dado que nem Madeira nem Gralho asseguraram o «transporte» de jogo de trás para diante e como também os dianteiros não ligaram convenientemente por tardios a des-

fazer-se do esférico, o Almada pôde impor o seu sistema — aliás bem posto em prática — podendo quase dizer-se que só foi batido pelo árbitro.

Realmente o juiz de campo esteve na base da «reviravolta» operada pelo Olhanense assinalando contra os visitantes um «penalty» tão injusto que até os adeptos do grupo da casa quase protestaram. Aliás o mesmo árbitro garantiu ainda ao Olhanense a vitória, não castigando uma irregularidade, na grande área, de um defesa da «casa» sobre o avançado-centro Legas.

Enfim, uma tarde cinzenta do «team» algarvio, decerto para esquecer. É que o grupo vale muito mais do que aquilo que exibiu.

Jogos para amanhã:

- FARENSE - O Coruchense
- Almada - PORTIMONENSE
- Beja - OLHANENSE

Este ano a sopa foi de lebre e não de galinha

ARMAÇÃO DE PERA — Manhã cedo, acordados pelo despertador, saltámos da cama e envergámos o equipamento de caçador.

Na rua, os companheiros mais madrugadores e impacientes, gritavam-nos para que nos apressássemos... E lá fomos, levados pelo automóvel do camarada Figueira Santos, os quatro da velha guarda, a caminho da quinta, próximo da Senhora da Rocha, do nosso velho amigo, capitão Mendonça, que com Nobre Ruivo já nos esperava. Observado o ritual do «mata-bicho», dirigimo-nos para o campo de acção.

É tradição que a primeira lebre abatida seja enviada logo para a quinta, a fim de com o caldo se preparar a bela sopa, à qual se costuma fazer sempre as devidas honras, com rasgados elogios à excelente cozinheira.

Soam os primeiros tiros a coelhos que fogem, como uma seta, para os buracos. Uma perdiz revoada, passa a grande velocidade, sobre a linha dos companheiros que lhe disparam vários cartuchos, que não acertam no alvo, e ela lá vai impavida no seu rectilíneo vou pousar a grande distância. E, sempre por aí fora, vão aparecendo mais, sempre mais. Umas caem mortas, outras vão feridas (geralmente no dizer dos caçadores) e no meio de disparos, uns certos, outros falhos, há sempre um dito chistoso, uma piada mordaz, que nos faz rir e nos dá boa disposição para continuarmos a calcar quilómetros sobre quilómetros, no desejo de apanhar mais.

As horas vão passando rápidas e a lebre não há maneira de aparecer. Há um companheiro, Neves Franco,

que lembra a sopa do ano passado, feita de galinha... Mas, mais uns passos dados, soam dois tiros, seguidos dum desesperado grito de aviso: «Lá vai ela... lá vai ela...»; soam mais dois disparos e novamente: «Lá vai ela... lá vai ela...»; mais um terceiro tiro e um grito de triunfo — «Ficou». E o nosso companheiro N. Ruivo levanta do chão um belo exemplar de lebre. Muita festa, muitas piadas e a pobre lebre lá foi conduzida para a quinta, a fim de ser preparada para a bela sopa.

Mais umas voltas e regressamos, já um pouco cansados, porque a idade não perdoa, a caminho do almoço.

A caçada não foi produtiva e há um companheiro que ainda traz o grande «Chibo» pendurado ao cinturão.

Depois dum almoço suculento, que principiou com a famosa sopa de lebre e durou algum tempo, bem regado com o saboroso néctar de Lagoa, ficou-nos um grande apetite para uma soneca. E lá fomos todos para debaixo dum secular pinheiro (nosso amigo de todos os anos) estender as carcaças muito debilitadas. É claro que não dormimos, pois estávamos todos inspirados e contaram-se anedotas que nos faziam rir a todos.

O sol já ia a esconder-se e fizeram-se as despedidas até para o ano. E cá vamos todos satisfeitos a caminho de casa, depois de termos passado alegremente mais uma abertura de caça e com a esperança de poder voltar, mais uma vez, para a próxima temporada. — Eurico Santos Patricio

CICLISMO

ALVES BARBOSA EM TAVIRA

No dia 19 deste mês, o Ginásio Clube de Tavira, leva a efeito um festival comemorativo do seu XXX aniversário. Os festivais de pista que têm sempre grande interesse, não só em Tavira como em toda a nossa província desta vez lançam em competição Alves Barbosa e Antonino Baptista, que dispensam adjectivos de apresentação, contra a já valorosa equipa do Ginásio, constituída por Jorge, Sérgio, Bárbara, Alcide, Inácio, Mangas e Hermínio; como complemento do festival temos em amadores o «derby» algarvio na competição: Louletano Desportos Clube — Ginásio Clube de Tavira.

Este festival que já tinha sido anunciado para amanhã, teve que ser transferido para dia 19, em virtude dos corredores que nele tomam parte, irem correr na «velada ciclista» que se realiza no Estádio do Lima, a favor das famílias dos corredores espanhóis, falecidos na última Volta a Portugal.

Jorge Corvo e Sérgio Páscoa vencedores

das provas de independentes na pista de Tavira

Com a participação de uma equipa do Sporting Clube de Portugal, constituída por Manuel Graça e José Pedro Carvalho, realizou o Ginásio Clube de Tavira, no domingo, um festival de ciclismo em pista.

Perante enorme assistência, que aplaudiu continuamente os ciclistas, decorreu com um brilhantismo inulgar este festival que teve momentos de grande emoção.

Os corredores tavrineses, vencedores nas categorias de amadores e independentes, patentearam bem a sua excelente forma e o entusiasmo que o Ginásio está a dedicar a esta tão popular modalidade.

É de salientar também a satisfação com que o público acolheu o regresso do Louletano Desportos Clube, que apresentou na Pista de Tavira, uma equipa de amadores e outra de iniciados.

As classificações finais foram as seguintes:

- Iniciados** — Prova de eliminatória — vencedor, Tolentino, do Louletano; **Amadores** — prova de 40 voltas em linha — 1.º, António Carrega, Ginásio; 2.º, Valério, Louletano; 3.º, Romeira, Ginásio; 4.º, Bezouro, Louletano e 5.º, João Bento, S. Brás; **Independentes** — prova de eliminatória — vencedor, Sérgio Pascoa, Ginásio; prova de 80 voltas em linha — 1.º, Jorge Corvo; 2.º, Sérgio Pascoa; 3.º, João Bárbara; 4.º, Inácio Ramos, todos do Ginásio; 5.º, José Pedro Carvalho, do S. C. P. — **Ofi**

IMPRESNA

«Voz do Sul» — Festejou o 44.º aniversário de publicação este nosso prezado colega silvense, dirigido pelo velho jornalista Henrique Martins, o qual tem defendido, sem desânimo, os princípios que obedeceram à sua fundação — a causa da República.

«Jornal de Caça e Pesca» — Este prezado colega, da direcção de Carlos Alberto Pinto, festejou a abertura da caça com um número especial de 32 páginas, esplendidamente colaborado, quer literária, quer graficamente.

SERAFIM A. VASQUES, LDA.
ARMAZÉM DE CORDOARIA E APRESTOS NAVAIS
Cabos de Arame, Cairo, Manila e Linho — Lonas de Linho e Algodão — Alcatrão, Breu e Archotes
Fios, Linhas e Merlins — Aprestos para Moinhos de Vento — Armações de Pesca e Navios
Avenida 24 de Julho, 2-É-6. LISBOA Telefone 27452

A sonda SIMRAD - Mestre de visão panorâmica
A MAIS PRÁTICA E MAIS ECONÓMICA
COMPLETAMENTE ESTANQUE
ASSISTÊNCIA TÉCNICA GARANTIDA
SOCIEDADE OCEÁNICA DO SUL, S. A. R. L.
— AGENTES EM TODO O ALGARVE —

motores marítimos diesel
MERCEDES-BENZ
ENTREGAS IMEDIATAS OU MUITO RÁPIDAS PARA OS MODELOS:
OM 636 34 H.P. — 3.000 R.P.M.
202 B 55 H.P. — 1.200 R.P.M.
203 B 90 H.P. — 1.200 R.P.M.
204 B 120 H.P. — 1.200 R.P.M.
MB 846 225 H.P. — 1.500 R.P.M.
REPRESENTANTES
C. SANTOS, LDA.
29 — AVENIDA DA LIBERDADE, 41 — LISBOA
160 — RUA DE SANTA CATARINA, 168 — PORTO
50 — RUA TEÓFILO BRAGA — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Parques de Campismo

Conclusão da 1.ª página

sr. Céptico, como quem fala com os seus botões: Ora, pondera...

Tavira, com seu ar de menina recatada e bonita é uma linda cidade tranquila, alegre e limpa; isenta dos inconvenientes de vária ordem, de que enfermam os centros industriais e as urbes muito populosas.

E' povoada por gente ordeira e afável. Possui monumentos de valor, — as suas velhas igrejas, S. Francisco, Misericórdia, S. Paulo, Santa Maria, onde jazem as cinzas de D. Paio Peres Correia, conquistador do Algarve.

São venerandas as suas muralhas e bem localizado o jardim-mirador, do castelo. Poderá tirar partido do seu jardim à beira-rio. A esplanada está bem situada. São lindíssimos os arredores: S. Domingos da Asseca e a queda de água e as grutas. Os Moinhos da Rocha e o Pego do Inferno, local paradisíaco. É a extensa mata da Conceição que, na época própria, oferece ao visitante o encantador espectáculo de milhares de *mimosas* em flor?

E' banhada pelos rios Séqua e Gilão.

Os rios, desassoreados, recuperariam a sua beleza e utilidade.

Que tal, um passeio, Gilão acima, num barquinho de recreio, numa tarde calma ou em noite luarenta?

E o Séqua? Já reparou que se presta admiravelmente, para desportos náuticos?

— Falta-lhe um hotel!!!

— Isto diria, triunfante, o meu suposto interlocutor.

— Ora, cá está o *busilis!* A razão de nos deitarmos a dormir...

Quando o Algarve compreenda o valor do turismo e se decida a tomar o rumo do seu melhor destino, não faltarão capitalistas que queiram empregar bem o seu dinheiro.

Visione, sr. Céptico...

... Sobranceiro ao rio Gilão um bom hotel que seja, ao mesmo tempo, estância de repouso? Ein? Que tal?

Não lhe faltaria concorrência, todo o ano, creia.

Há mais: — Os arraiais e armações do atum, onde se desenrolam as cenas movimentadas, ímpares, durante a labuta dos copejos.

E a sua futura praia, na Ilha?

Que maravilha, quando urbanizada e ligada ao resto do mundo!

E o seu clube náutico, organizador dos já célebres concursos internacionais de pesca desportiva?

Já reparou no valor desses concursos?

Quem organiza tais certames tem capacidade para criar e orientar muitas outras actividades concernentes ao desporto náutico.

Há mais: — As sociedades recreativas e culturais, com tradições firmadas em notáveis empreendimentos culturais, recreativos, regionais, folclóricos.

O pavilhão para concertos e espectáculos de arte e exposições?

O campo de jogos e outros elementos indispensáveis numa cidade que vive do e para o turismo, viriam depois, fatalmente, infalivelmente, tenha a certeza disso, *amigo* e sr. Céptico!

Sou recebido, na sala das sessões da Câmara Municipal, pela vereação, que terminara a sua reunião habitual.

Exponho: «Em Tavira, nos seus próximos arredores, ficará muito bem um parque de turismo-cam-

pista, para os portugueses e para os estrangeiros que pretendam demorar uns dias, gozando saudáveis e tranquilas férias, neste luminoso Algarve.

Ao *Jornal do Algarve*, interessa conhecer o que a vereação pensa ou projecta.

A conversação generaliza-se, à vontade, orientada pelo sr. presidente, capitão Jorge Ribeiro.

Se votação houvesse, marcaria unanimidade de opinião.

Em síntese:

— Utilidade de um parque de turismo-campista?

— Indiscutível.

— Local?

— Na futura praia de Tavira, — a Ilha.

— Para quando?

— Em seguida ao acto da desafecção.

— Quando se realiza a desafecção?

— Quando seja fundada a Junta de Turismo.

— Quando pensam organizar a Junta de Turismo?

— Logo que a entidade competente dê despacho ao expediente que lhe foi patente, há dois anos.

— Dois anos? — Murmurei, sinceramente admirado.

São precisos dois anos para examinar documentos e plantas, remetidos por uma vereação municipal, no intuito de dar andamento a um melhoramento que a população de uma cidade importante considera urgente?!

Seguiu-se um silêncio, discreto, diplomático...

E a conversa prosseguiu, noutro sentido.

Naquela bela madrugada de sábado fui despertado pelo palor dos primeiros raios do sol, laivos dourados sobre o tecto da minha tenda de campanha.

Saltei da cama, libertei-me do saco de dormir, abri as portas de par em par e entreguei-me de alma e coração ao ar livre, embalsamado, do pinhal.

O ar penetrou profundamente nos meus pulmões sequiosos e revigorou-me.

Senti-me optimista, jovem...

Como é bom viver!

Um passarito, até ali solitário, respondeu-me, ladino e saltitante, entoando seu cantigo em louvor da Natureza: «Como é bom viver!»

No subcampo vizinho dois *pombinhos* arrulharam, dando-se os bons dias. Era um casal de desportistas suíços, gente nova, sadia, jovial.

Tinha-os visto, na véspera, quando, à noite (o luar vigiava-os) recolhiam ao seu ninho de lona cor de mel, alombrado com rama dos pinheiros.

Lua de mel?

Entretantes, a vida recomeçou, no acampamento internacional.

Um casal de ingleses, idosos, acarinha um netinho, estremunhado.

Um par de franceses, já durázios, inicia os arranjos do seu vasto palácio desmontável.

Dois gentilíssimas *«desmoiselles»* francesas, confraternizam com um matrimónio de jovens lusitanos.

Família numerosa, portuguesa, tendo levantado a sua *tralha*, parte, ruidosa e feliz, em dois automóveis, escoltados por garbosos motociclistas.

Como é bom viver!

Nota-se o desejo de confraternização, de cortesia e de paz.

Certamente, todos os campistas conhecem o preceito bíblico ditado por S. Paulo: «Amai-vos cordialmente uns aos outros, com amor fraternal!»

A manhã consome-se rapidamente. Cumprem-se os pormenores da existência campista — a *toilette* matinal, arejamento das roupas e das tendas, a confecção do pequeno almoço, depois apreciado à sombra das árvores amigas.

O relógio (pontual, tirânico, inflexível) indica-me as dez e meia e lembra-me que às onze terci de estar nos Paços do Concelho de Vila Real de Santo António.

O sr. presidente da Comissão Municipal de Turismo, eng. João Manuel Barroso, uma das pessoas que contribuíram activamente para a realização do notável empreendimento que é o Parque de Turismo-Campista de Monte Gordo, presta-se, de modo compreensivo e amável, a dar-me os informes de que careço acerca dos melhoramentos de que o Parque beneficiará.

— Foi votada a verba de vinte e cinco contos para ampliação das instalações sanitárias e dos balneários, agora insuficientes.

— Triplicarão?

— Pelo menos, duplicarão.

— No mesmo edificio, ampliado?

— Depende. Talvez se erga novo pavilhão.

— Não tencionam modificar o sistema de iluminação, substituindo os candeeiros de incandescência, a petróleo, por lâmpadas eléctricas?

— Não é possível sobrecarregar a produção da central de Monte Gordo. Há que aguardar o plano de electrificação, a executar em 1960.

— Nos meses mais propícios à prática do campismo, o Parque é escasso para tantas tendas. Não está previsto o alargamento do Parque?

— A área actual do Parque é de — aproximadamente — quatro mil e quinhentos metros quadrados, ou seja a quarta parte da área total do terreno que nos foi cedido para o efeito. Resultante da ampliação a que vamos proceder, no próximo ano, os campistas disporão de cerca de nove mil metros quadrados.

— Grande parte dos campistas possuem automóveis e atrelados. A arrumação dos veículos...

... Está em estudo o problema do local de estacionamento e das pistas de penetração.

— O sistema de adubação do pinhal impede a limpeza radical do solo e compromete, de certo modo, a higiene, cujas regras têm de ser rigorosamente observadas em recintos campistas.

— A adubação fez-se a conselho de técnicos a bem da *saúde* dos pinheiros e foi mister conservá-la, este ano, até tarde.

No próximo ano, antes da reabertura da época, o campo será cuidadosamente limpo.

Aproveitei o ensejo para ofere-

UMA ANOMALIA no funcionamento do apeadeiro do Guadiana

A C. P., para maior comodidade dos seus clientes, mandou construir, junto à estação marítima de Vila Real de Santo António um edificio para apeadeiro, término da linha do Sul. Foi louvada por este melhoramento, porque ficando a estação distanciada do centro da vila, os passageiros preferiam a camioneta à automotora.

Houve festa e discursos quando da inauguração e tudo teria continuado muito bem se não fosse um pequeno inconveniente, já apontado nas colunas do *Jornal do Algarve*, que seria o de não conservar abertas as portas do apeadeiro durante todo o tempo de serviço dos combóios e automotoras, dificultando dessa maneira o acesso das pessoas que têm de embarcar ou vão esperar a chegada de parentes ou amigos. Sobre tudo durante a noite, o apeadeiro devia abrir com uma hora, pelo menos, de antecedência à chegada da automotora de Lisboa, pois não faz sentido que as portas só se franqueiem cinco minutos antes da chegada, mesmo quando a automotora vem atrasada, ficando as pessoas da parte de fora, expostas ao frio e à chuva, aguardando que o funcionário se resolva a abrir a porta. Cremos que com um pouco de boa vontade, a C. P. poderia ordenar que o apeadeiro abrisse mais cedo. E durante o dia devia o mesmo estar sempre aberto, pois há muitas pessoas que desejam comprar bilhetes, despachar bagagens e pedir informações, e não o podem fazer porque o apeadeiro conserva-se fechado durante as horas de folga do factor. Há apenas um funcionário para este serviço, quando deviam ser dois para na falta de um ficar outro. Apelamos para a C. P. no sentido de satisfazer as inúmeras reclamações que nos chegam e que são absolutamente justificadas.

cer ao sr. presidente da Comissão de Turismo as minhas impressões de campista praticante e frequentador do Parque.

A localização é esplêndida, quanto a abrigo dos ventos dominantes. A água óptima e abundante. O terreno é bom por ser firme e arenoso, portanto, permeável.

Os abastecimentos fazem-se, ali perto, em Monte Gordo, após agradável passeio por magnífica estrada asfaltada. O pão e o leite, são fornecidos, no Parque, todas as manhãs.

O pessoal do serviço é atencioso, diligente e apresenta-se bem.

A ordem, a disciplina são de louvar.

O campo foi frequentado, desde Junho a fins de Setembro deste ano por cerca de oitocentas pessoas de nacionalidade portuguesa, belga, alemã, inglesa, dinamarquesa, francesa, suíça, austríaca, norte-americana, argentina, italiana e holandesa.

Sei que toda essa gente partiu satisfeita e muitos com desejo de voltar.

Está plenamente confirmado o êxito da feliz iniciativa do Município de Vila Real de Santo António.

O Parque é um lugar que, nós, campistas, deixamos com saudade.

E' um dos locais onde podemos exclamar, sinceramente, espontaneamente: Como é bom viver!

João Trigueiros

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

No perde-ganha da vida,
(Quem isto não percebeu?)
As vezes perde quem ganha...
Ganha tanto quem perdeu!...

PETRARCA MARANHÃO

Mártir da religião

Ana Askew, mártir protestante inglesa, nasceu em 1521. Filha de um gentilhomem católico, apaixonou-se pelos estudos teológicos, adoptando o protestantismo. Casada contra vontade com um católico fervoroso, foi denunciada a Henrique VII, pelo seu próprio marido. Presa e posta a tormentos, recusou-se tenazmente a renegar as suas crenças. Em vista disso, foi queimada viva.

Gambém na cozinha se pode ser artista

Cabrito com arroz — Põem-se num tacho bocadinhos de cabrito, uma ou duas cebolas partidas aos quartos, salsa, toucinho passado pela máquina (cru), manteiga, meia folhinha de louro e pimenta. Leva-se ao lume e vai-se mexendo até o cabrito estar bem louro. Nessa altura, começa-se a acrescentar água quente até ter o caldo suficiente para o arroz. Deita-se este em tudo estando apurado e acaba de se cozer no forno.

O doce nunca amargou

Bolachinhas — Batem-se bem 3 ovos com 250 gramas de açúcar, juntam-se, a seguir, uma colherinha de anis, meia colherinha de fermento e 250 gramas de farinha de trigo, obtendo-se, assim, uma massa que se deixa em repouso durante meia hora. Abre-se, depois, a mesma com o rolo, numa tábuia polvilhada com farinha de trigo, até à espessura de meio

Alguns conselhos

Quando se pretender visitar qualquer pessoa, mesmo uma amiga íntima, deve-se procurar uma hora em que a nossa presença não se torne incómoda.

— Não empregue produtos de «toilette», que sejam preparados à base de vaselina, pois esta contribui para o desenvolvimento do pelo, especialmente no rosto.

— Para que os poros das sobranceiras não fiquem dilatados, antes de proceder à depilação, aplique compressas quentes.

— Tenha o máximo cuidado em reparar na «toilette», quando sair à rua. O vestido não deve ter rugas mantendo-se bem esticado, as meias com as costuras bem direitas e o calçado irrepreensivelmente limpo.

— Para se verificar se os ovos são frescos, deve-se mergulhá-los numa solução de água salgada. Os ovos frescos vão para o fundo, enquanto que os estragados ficam a boiar à superfície.

— Para aliviar as dores de cabeça, cheire-se, com cuidado e devagar, um frasco que contenha amoníaco.

É agora não ria!

— Eu limpo os meus brilhantes com amoníaco, os meus rubis com vinho do Porto, as minhas esmeraldas com champanhe e as minhas safiras com whisky — dizia a nova-rica, alardeando a sua riqueza.

— Eu não limpo as minhas jóias — observou, serenamente, a senhora que estava ao lado. — Quando estão sujas, deito-as fora.

O Dicionário Bibliográfico

Conclusão da 1.ª página

coisas, nem lhes inventemos obstáculos, uma vez que todas as iniciativas, pior ou melhor esboçadas, se susponderam para dar livre passagem ao interessante trabalho do dr. Lyster Franco. Essencial, agora, é que ele se apresente a passar, sem temor dos ventos, graças a Deus todos amainados em obediência ao mais alto ideal de servir o Algarve.

Naturalmente, para conseguir-se a impressão da obra, esta bonança que se anuncia constitui o menos.

O mais são as dificuldades que indubitavelmente surgirão, sabido que empreendimentos do género erudito não têm a defesa do romance, da novela e do conto, tornando-se proibitivos em presença dos encargos de tipografia. Parece-nos, assim, essencial pensar na maneira de conseguir um subsídio, já que a boa vontade de bolsa fechada nada adianta ao fim positivo em vista.

Até aqui chegámos nós com a pouca experiência que temos destas coisas. Daqui para diante é de todo o bom-senso nada mais acrescentar, deixando o campo aberto a conversações que, evidentemente, são previsíveis em assunto de tanto melindre. O que podemos avançar

sem receio é que a bibliografia tarda e... temos pressa dela.

Em obediência a esta necessidade vamos fazer um alvitre, embora nos repugne imenso este género de fazer jornalismo. Porém, o assunto encontra-se num ponto morto, e é preciso fazer alguma coisa por ele. Portanto, damos de 'bom grado' o sacrifício de alvitrar que se forme uma comissão pró-dicionário bibliográfico, a constituir segundo o critério do sr. major Mateus Moreno, a quem nesta hora presto as minhas homenagens pelo muito carinho que lhe têm merecido os assuntos do Algarve.

O momento é de sacrifícios. Nós já fizemos o nosso, e, agora, só nos resta a esperança de ver também sacrificados o sr. major Mateus Moreno e o sr. dr. Lyster Franco, o primeiro tomando a direcção da Comissão a formar, e o segundo anuindo em fazer parte dela.

Pela nossa parte ficaremos sentinelas vigilantes à espera das reacções, na certeza de que se o ponto morto não for vencido, bem ou mal, e dentro do espaço que o jornal puder conceder, as listas bibliográficas virão para a rua. Sempre será melhor que... nada.

J. Silva Carvalho

SR. LAVRADOR! Faça contas, não desperdice dinheiro

ADUBAÇÕES AZOTADAS DE COBERTURA

ECONÓMICAS E EFICAZES

conseguem-se utilizando

Nitro-Amoniacoal CUF ou Nitro-Amoniacoal Concentrado CUF

com 20,5% de azoto

com 26,5% de azoto

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

Depósitos e Revendedores em todo o País

Para qualquer esclarecimento dirijam-se aos

Serviços Agronómicos da COMPANHIA UNIÃO FABRIL



Com esta tinta Até um bebé pinta!

FABRICA DE TINTAS E VERNIZES "EXCELSIOR"
J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.
TRAV. DO GIESTAL, 4 (à R. Aliança Operaria) Tel. 637106 LISBOA